

A CONSTRUÇÃO DA COERÊNCIA TEXTUAL POR MEIO DAS ANÁFORAS INDIRETAS NAS CARTAS PESSOAIS DE ALUNOS DA EJA

Miriã Soares SANTOS*

Mestre em Língua Portuguesa/PUC-SP

RESUMO

Este artigo trata da coerência textual em cartas pessoais escritas por alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Analisa o uso de anáforas indiretas e objetiva, a partir da escolha de uma carta, avaliar os processos referenciais utilizados por um aluno da EJA (6º ao 9º ano) na construção de objetos do discurso relativo à dinâmica da produção do texto. Por meio de anáforas indiretas, os referentes são construídos para representar seu projeto de dizer, garantindo a progressão textual e a coerência do texto. Conclui que trabalhar os gêneros cotidianos, de conhecimento prévio dos alunos, facilita o aprendizado da escrita. A carta pessoal mostrou-se um gênero textual eficaz para a verificação da coerência por meio do processo de referenciação.

Palavras-chave: Referenciação. Anáforas indiretas. Coerência. Carta pessoal.

Introdução

O estudo da referenciação está na agenda atual da Linguística Textual e tem muito a contribuir para a compreensão dos processamentos sociocognitivos dos alunos jovens e adultos, cujo processo de alfabetização se deu fora da idade considerada adequada. A referenciação é uma atividade discursiva por meio da qual reconstruímos o mundo por meio de referentes, ou objetos de discurso.

Nessa perspectiva, as categorias não são dadas *a priori*, mas são construídas no e pelo discurso (MONDADA E DUBOIS, 1995/2003). Assim, quando o professor solicita ao aluno a produção de um texto, como, por exemplo, uma carta pessoal, o processo de escrita e o resultado mostram a forma como o aluno dá sentido ao mundo, por meio dos referentes que utiliza para representá-lo. A partir disso, importa ao professor analisar os objetos de discurso elaborados pelos interlocutores no interior da atividade discursiva, não atrelados simplesmente ao código linguístico, mas como fenômenos sociais e interativos para a construção de sentidos no texto.

Este artigo visa a analisar o processo de anaforização como construção da coerência textual em texto do gênero **carta pessoal**, produzido por aluno da Educação de Jovens e Adultos. Para tanto, adotamos os postulados de Mondada e Dubois (1995/2003), Lima e

* Endereço eletrônico: miriasoares1@gmail.com

Feltes (2013), Marcuschi (2002, 2007), Apóthelóz e Reicher-Bérguelin (1995, citados por KOCH, 2009), Van Dijk (2013), Schwarz-Friesel (2007), Koch (2009, 2011) e Bakhtin (2003).

Nesse ponto, é importante esclarecer que um dos grandes desafios para a pesquisa e o ensino de língua portuguesa está na compreensão de como o aluno aprende e de quais recursos ele dispõe para a construção de sentidos no momento da leitura e da escrita. Daí a necessidade premente de estudarmos os textos produzidos por eles, em situação de sala de aula, com a mediação do professor.

Para tanto, procuraremos responder à questão: como o aluno da EJA constrói a coerência textual por meio das anáforas indiretas na produção de uma carta pessoal? Por meio da análise de uma carta pessoal, buscamos analisar o complexo processo anafórico de que o aluno lança mão no momento da escrita para a construção dos objetos de discurso, tornando o texto um todo coerente.

Referenciação e coerência: alguns conceitos

A referenciação é uma relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas e avaliadas para adequação às finalidades práticas e às ações em curso dos enunciadores. É, portanto, uma atividade discursiva e implica escolhas significativas para representar estados de coisas em função de um “querer-dizer”. (MONDADA e DUBOIS, 1995/2003)

Apóthelóz e Reicher-Bérguelin (1995, p. 266, citados por KOCH, 2009, p. 58) adotam as seguintes postulações para o estudo da referenciação:

- a) a referência diz respeito, sobretudo, às operações efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve;
- b) o discurso constrói aquilo a que faz remissão, ao mesmo tempo que é tributário dessa construção; (...)
- c) eventuais modificações, quer físicas, quer de qualquer outro tipo, sofridas “mundanamente” ou mesmo predicativamente por um referente, não acarretam necessariamente no discurso uma recategorização do léxico, sendo o inverso também verdadeiro. (APOTHELÓZ E REICHER-BÉRGUELIN, 1995, p. 266, citados por KOCH, 2009, p. 58)

Dessa maneira, na construção de um texto, o autor parte de um modelo já existente e conhecido por ele (*frames* ou *scripts*) e que funcionará como ponto de partida da referenciação e da progressão referencial. À medida que o texto se desenvolve, haverá

remissões e retomadas ao referente inicial, ou a elementos extra-textuais, e também modificações, visto que, ao representar o mundo por meio de objetos de discurso, o autor busca na memória discursiva, individual e coletiva, os dados que lhes são afeitos e assim constrói seu texto. Ou seja, a progressão referencial se dá na construção e reconstrução dos objetos de discurso para uma representação do real.

Segundo Mondada (2001, p. 9, citada por LIMA e FELTES, 2013, p. 33), os objetos de discurso são:

(...) entidades constituídas nas e pelas formulações discursivas dos participantes: é no e pelo discurso que são postos, delimitados, desenvolvidos e transformados objetos de discurso que não preexistem a ele (o discurso) e que não têm estrutura física, mas que, ao contrário, emergem e se elaboram progressivamente na dinâmica discursiva. (MONDADA, 2001, p. 9, citada por LIMA e FELTES, 2013, p. 33)

Nesse sentido, a construção dos objetos de discurso pode ser observada no texto em análise à medida que os referentes revelam as formulações discursivas do autor para construir uma carta de amor. Mondada (1995/2003, p. 21) cita Rastier (1994, p. 19) para afirmar que a referenciação diz respeito a: “(...) uma relação entre o texto e a parte não-linguística da prática em que ele é produzido e interpretado”.

Nessa perspectiva, para o estudo da referenciação no texto do gênero **carta pessoal**, produzido por um aluno da EJA, interessam-nos particularmente os elementos presentes no contexto sociocognitivo que estabelecem associações e/ou inferências, entre eles, as anáforas indiretas, para a progressão referencial do texto e a construção da coerência.

Entre os diversos aspectos que envolvem os encadeamentos referenciais, Marcuschi (2006, p. 192) relaciona alguns procedimentos gerais:

- a) retomada de referentes por **repetição** de itens lexicais mantendo a correferencialidade;
- b) retomada de referentes por **sinonímia** ou **paráfrase** baseada na significação lexical, mantendo ou não a correferencialidade;
- c) retomada referencial por **pronominalização correferencial**;
- d) progressão referencial com estratégias realizadas por processos de **associação**, ou seja, pela anáfora associativa, sem caráter correferencial;
- e) continuidade fundada em **processos cognitivos** realizados por metáforas, metonímias etc. sem correferencialidade;
- f) progressão textual como construção referencial por inferenciação baseada em representações mentais sem retomada nem correferenciação. (MARCUSCHI, 2006, p. 192)

Dentre esses procedimentos, tratamos especialmente o item (d) acima, que trata da progressão referencial com estratégias por processos de associação, por meio de anáforas indiretas.

Dessa forma, salientamos que as anáforas são fenômenos de retomada de informações relativamente complexas. Nelas intervêm o saber constituído linguisticamente pelo próprio texto e os conteúdos inferenciais: conhecimentos lexicais, pré-requisitos enciclopédicos e culturais e os lugares-comuns argumentativos.

Nesse sentido, frisamos que estudos recentes têm tratado as anáforas indiretas não apenas como um processo de retomada de antecedentes no texto (como os sintagmas nominais), mas como um processo que envolve muito mais que um mero procedimento “search-and-match” (buscar e marcar), de acordo com Schwarz-Friesel (2007, p. VIII). Ou seja, o processo anafórico não é mecânico e restrito ao texto, mas altamente complexo e atrelado ao contexto de leitura ou produção escrita. Segundo a autora (2007, p. IX):

The interpretation of most anaphoric descriptions is highly context-sensitive. In order to access the referential entity described by an anaphor the reader or hearer must seek information beyond the anaphoric NP itself[†] (SCHWARZ-FRIESEL, 2007, p. IX)

Além disso, concordamos com Marcuschi (2002, p. 59) quando afirma que “a referenciação é um ato de construção criativo e não um simples ato de representação ou de designação extensional de uma expressão no mundo extra-mental”. Isto é, o processo de referenciação se dá não como um espelhamento do que conhecemos ou imaginamos do mundo, mas sim, como uma reconstrução do mundo na própria dinâmica de construção do texto.

No *corpus* em análise, então, o autor faz uso de anáforas indiretas para introduzir um *frame*, mantendo a progressão referencial e construindo a coerência textual por meio de rótulos encapsuladores, categorizações e recategorizações, como se verá na análise, na próxima seção.

Entendemos *frames* ou *scripts*, segundo Van Dijk (2013, p. 78), como: “(...) unidades de conhecimento organizadas segundo um certo conceito. (...) Ademais, os *frames* parecem ter uma natureza mais ou menos convencional”. Ainda segundo o autor (p. 79):

[†] Tradução livre: A interpretação da maioria das descrições anafóricas é altamente sensível ao contexto. Para acessar a entidade referencial descrita por uma anáfora, o leitor ou o ouvinte deve buscar informações além do próprio Sintagma Nominal anafórico.

(...) os atos de fala podem estar associados aos *frames*. Antes de tudo, nós temos sequências típicas de atos de fala, cujas estruturas têm um caráter mais ou menos convencional ou ‘ritual’, tais como proferir conferências, fazer pregações, realizar conversações cotidianas ou escrever cartas de amor. Em tais casos, temos claramente diferentes atos (de fala), podendo cada um ter uma função característica na atualização do episódio: abertura, apresentação, cumprimento, argumentação, defesa, fechamento, etc. (Grifamos) (VAN DIJK, 2013, p. 79)

Sobre coerência, a noção aqui adotada é a definida por Marcuschi (2007, p. 13-14):

(...) essencialmente um processo e, como tal, só é passível de ser tratada como um conjunto de atividades em vários níveis. Mais do que um princípio da materialidade textual, (...) a coerência afigura-se como um critério de processamento textual, seja na fala ou na escrita. (...) A coerência não é um requisito a ser preenchido pelo texto e sim uma atividade desenvolvida num movimento de colaboração. (MARCUSCHI, 2007, p. 13-14)

Assim, a análise da construção da coerência implica um processo de significação mais amplo, não restrito ao código. Ou seja, os sentidos produzidos na compreensão do texto dependem de fatores internos e externos a ele.

Gênero textual *carta pessoal*

Segundo Bakhtin (2003, p. 282), os gêneros textuais resultam em “formas-padrão relativamente estáveis de um enunciado” sócio-historicamente situados. Assim, todas as formas de comunicação se dão por meio de gêneros textuais, que são classificados de acordo com a tipologia textual (narrativos, descritivos, argumentativos *etc.*). Para Marcuschi (2002), alguns gêneros apresentam mais de uma tipologia textual, como é o caso da **carta pessoal**, que pode apresentar exposições, descrições e narrações num mesmo texto.

Essa maleabilidade torna as cartas pessoais um gênero que favorece o ensino da escrita e a observação de diversos tipos textuais. Dessa maneira, muitas vezes, por meio de uma atividade aparentemente simples, o professor pode desenvolver concepções importantes de narração, exposição, argumentação *etc.*

Ainda segundo Marcuschi (2002, p. 19), os gêneros textuais surgem de acordo com as “(...) necessidades e atividades sócio-culturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes (...)”. Nesse aspecto, afirmamos que os enunciados são atos de comunicação social e pressupõem uma interatividade entre autor-texto-leitor para a construção de sentidos.

O leitor, portanto, não é um ser passivo, que somente recebe as informações, assim como o autor não tem total domínio de todos os sentidos que pretende que sejam construídos pelo leitor. Da mesma forma, o texto, por si só, não produz um único sentido. É preciso que esses três elementos interajam intersubjetivamente. Para tanto, além do conhecimento do código (língua) e da escolha dos termos lexicais, o leitor acionará também conhecimentos prévios presentes em sua memória discursiva para construir sentido(s) no texto.

Outro ponto a se destacar refere-se à imensa heterogeneidade de gêneros que levou Bakhtin (2003) a classificá-los como primários e secundários. Os primários referem-se a situações de comunicação cotidianas, espontâneas (carta, bilhete, diálogo *etc.*). Os secundários são aqueles que representam situações comunicativas mais complexas e elaboradas (teatro, romance, tese científica *etc.*).

O texto objeto de análise – **carta pessoal** – situa-se nos gêneros primários e faz parte de uma proposta de ensino de gêneros textuais para alunos da EJA (segundo segmento do Ensino Fundamental). Por serem gêneros menos complexos e fazerem parte de seu cotidiano, além de permitirem uma linguagem mais informal e espontânea, os alunos podem demonstrar certa familiaridade para escrever cartas e, ao mesmo tempo, sentir-se mais livres para usar de criatividade.

Para a análise, é importante salientarmos alguns aspectos dos gêneros textuais, conforme Bakhtin (2003): conteúdo temático, plano composicional e estilo. Esses aspectos estão relacionados entre si e variam de acordo com a situação de comunicação e a finalidade. No nosso caso, a situação de comunicação é a sala de aula e a finalidade é produzir uma carta para fins de avaliação da escrita e de verificação da evolução das habilidades dos alunos desde a escrita de um bilhete, passando pelos recados, telegramas, comentários em redes sociais, *e-mails*, até uma carta.

Embora a carta pessoal seja um gênero relativamente estável e pressuponha uma organização predefinida (data, vocativo, linguagem em 1ª. pessoa, saudação, assinatura), o estilo do escritor pode dar a ela um caráter individualizado e criativo, assim como os objetos de discurso evidenciam os processos sociocognitivos para construção do texto e uma representação do mundo. É o que se verifica no texto objeto de análise desse artigo.

Apresentação e análise do corpus

Antes de proceder à análise do *corpus*, é importante reproduzi-lo aqui, na íntegra, preservando o nome do aluno por questões éticas:

Nome: [REDACTED] nº 5 Sala 6

Meu amor,

Não sei se devo agradecer ao menino Jesus ou ao pai Noel, mas ter você como companheiro é o melhor presente que alguém pode receber.

É a verdade que o tal velhinho de barba e cabelos brancos só hora o rapatinho de quem se comporta bem, eu devo ter sido um anjo este ano, pois usufruí e me alimentei do seu carinho e do seu amor imenso.

E é por isso que o meu natal vai ser muito feliz. Feliz como têm sido todos os meus dias, porque se meu único pedido, o meu único desejo é que tudo continue absolutamente como está: com você no meu lado, preenchendo os meus vazios, apaziguando minhas ansiedades, evitando qualquer dor.

No verdade, tudo o que me resta a fazer, agora que estamos no natal é devermos a chegada de Jesus ao mundo, e agradecer por tudo o que tenho recebido.

Especialmente o seu amor e atenção!!!

Um beijo do teu amado

Carri: [REDACTED] !!!

O aluno em questão é adulto, casado, profissão mecânico e está no 7º. ano do ensino fundamental, na modalidade EJA – Educação de Jovens e Adultos. Para preservar sua identidade, nesse artigo, nos referiremos a ele como A1.

A proposta de escrita da carta pessoal inseriu-se no contexto do ensino de textos narrativos e fez parte de um sequência didática que tinha por objetivo fazer com que os alunos percebessem que uma narrativa pode tomar forma em vários gêneros (um conto, uma crônica, um poema, uma carta). Os alunos começaram escrevendo um conto e, em seguida, deveriam escrever uma carta que contivesse alguma narrativa. O objetivo final era escrever uma carta, contando alguma novidade, um acontecimento ou um segredo para o destinatário.

Do ponto de vista do plano composicional, a carta do aluno A1 segue todas as orientações que lhe foram dadas: contém data, vocativo, saudação e assinatura. Entretanto, A1 não seguiu a orientação de narrar um fato acontecido, uma novidade ou contar um segredo, que era a proposta inicial, a fim de aliar a produção da carta com o texto narrativo. Em vez

disso, ele preferiu escrever uma carta de amor, utilizando esse momento de produção escrita para se expressar livremente e construir os referentes para falar de amor.

Quanto à referenciação, que é o foco de interesse desse artigo, temos que A1 inicia sua carta apresentando um *frame*. Seguindo o modelo da carta pessoal (internalizado), ele faz uso de anáforas indiretas para introduzir referentes associativos entre a pessoa amada e o Natal, como se vê a seguir:

Não sei se devo agradecer ao menino Jesus ou papai Noel, mas ter você como companheira é o melhor presente que alguém pode receber. (Grifamos)

Embora implícito, pois a palavra “Natal” não aparece nesse momento, o aluno constrói o *frame* a partir da introdução dos referentes “menino Jesus”, “papai Noel” e “presente”. Essas expressões nominais estabelecem um novo referente que servirá de tema para a construção coerente do texto, em função de um querer-dizer amoroso, na interação com o outro, por meio de comparações e metáforas, como se verifica nos parágrafos seguintes:

Se é verdade que o tal velhinho de barbas e cabelos brancos só olha o sapatinho de quem se comporta bem, eu devo ter sido um anjo este ano, pois usufruí e me alimentei de seu amor imenso. (Grifamos)

Vê-se no trecho acima a introdução de novos referentes que recategorizam os anteriores por retomada: “*o tal velhinho de barbas e cabelos brancos*” retoma “*papai Noel*”, e “*sapatinho*” retoma “*presente*”. A construção de sentidos aqui só é possível quando se tem em mente o *frame* do Natal, que está associado anaforicamente, intra e extratextualmente, a presentes, sapatinhos na lareira, recompensa, bom comportamento, papai Noel, nascimento de Jesus *etc.*, uma vez que é este o modelo mental que construímos no Ocidente.

No parágrafo seguinte, surge finalmente a palavra “Natal”, que funciona como um rótulo encapsulador de tudo o já foi dito:

É por isso que o meu Natal vai ser muito feliz. Feliz como têm sido todos os meus dias, porque o meu único pedido, o meu único desejo é que tudo continue absolutamente como está: com você na minha vida, preenchendo meus vazios, aplacando minhas ansiedades, evitando qualquer dor. (Grifamos)

No trecho anterior, A1 introduz novos referentes para o *frame* Natal: “*pedido*” e “*desejo*”. É de conhecimento partilhado que o Natal é época de fazer pedidos, de realizar

desejos. É interessante notar também a associação entre presente, felicidade e a presença da pessoa amada em sua vida, o que dá coerência ao texto, já que todos esses objetos de discurso estão inter-relacionados em função do querer-dizer do autor. Ao comparar a pessoa amada a um presente, A1 constrói os objetos de discurso e cria uma categoria para esse amor: *um presente*.

Assim, observa-se, nessa carta, um processo anafórico bastante criativo e bem elaborado que visa a comparar a mulher amada a um presente de Natal, ancorado em referentes simbólicos, como papai Noel e Jesus. E o aluno A1 é bem-sucedido em sua empreitada, uma vez que faz associações coerentes, construídas sociocognitivamente e por meio de seu conhecimento de mundo, que é compartilhado com o leitor.

Conclusão

Iniciamos nossas reflexões perguntando: como o aluno da Educação de Jovens e Adultos (EJA) constrói coerência textual na produção de uma carta pessoal? Para responder a essa reflexão, partimos dos estudos de referenciação, segundo Mondada e Dubois (1995), particularmente no que se refere à construção dos objetos de discurso por meio das anáforas indiretas.

O objeto de estudo foi uma carta pessoal, tendo em vista o espaço limitado para incluirmos outros exemplos, produzida por um aluno da EJA (segundo segmento do Ensino Fundamental), em situação de sala de aula, mediada pelo professor, e que tinha como objetivo ampliar o universo de gêneros e tipos textuais, além de avaliar o desenvolvimento das habilidades e competências de escrita dos alunos. A atividade previa também que a carta narrasse um acontecimento, um segredo ou uma novidade para o destinatário.

A partir da leitura do *corpus* aqui analisado, chegamos a algumas conclusões importantes, principalmente para o ensino de língua portuguesa nas escolas. A primeira conclusão diz respeito à grande capacidade de escrita que emerge no momento em que se valorizam os gêneros que fazem parte do cotidiano dos alunos (cartas, bilhetes, recados, *e-mails*, mensagens eletrônicas, comentários em redes sociais *etc.*). Diante de gêneros tão familiares, o medo de errar diminui e a criatividade tem lugar privilegiado, propiciando aos alunos a liberdade de se expressarem por meio de objetos de discurso em função de um querer-dizer, sem maiores preocupações com o código, mas sim, com os sentidos que serão produzidos para o leitor, ou, no caso em análise, o destinatário da carta.

É bastante comum ouvir nas salas dos professores que os alunos não sabem escrever, ou que não atendem às solicitações dos enunciados, ou ainda que não sabem ler. Foi preciso apenas uma sequência didática com gêneros primários (BAKHTIN, 2003) para refutar essas afirmações. E esta é a segunda conclusão a que chegamos neste artigo: o aluno constrói coerência por meio de referentes ou objetos de discurso que tenham significado para ele, que lhe permitam recuperar em sua memória discursiva os *frames*, os modelos internalizados, para assim reelaborar o mundo por meio de sua produção textual.

Quanto aos processos referenciais revelados no texto em análise, é possível observar que a referenciação é um ato discursivo criativo, que não se prende ao código, mas o ultrapassa e é capaz de reconstruir as coisas que estão no mundo por meio de referentes, que são escolhas individuais, mas ao mesmo tempo pertencentes a uma memória coletiva, e que trazem em seu bojo parte da história e da forma particular de ver o mundo do indivíduo que escreve.

Assim, quando levamos em consideração que as categorias não são dadas *a priori* e que o mundo não está aí como algo pronto, que é mecanicamente representado em nossos discursos, podemos observar, por meio das anáforas indiretas, reconstruções e recategorizações constantes dos modelos por meio dos objetos de discursos selecionados numa memória discursiva para manifestar um querer-dizer. No caso do aluno A1, seus objetos de discurso recategorizam o ser amado (um presente) por meio de referentes simbólicos ligados ao Natal (papai Noel, menino Jesus), época de pedir, desejar, agradecer, avaliar se merece ou não um presente. O que A1 nos diz é que é possível declarar amor por meio de uma representação simbólica do Natal. E o faz com propriedade e coerência.

Embora seja possível que as cartas pessoais desapareçam com o tempo, tendo em vista as novas formas de comunicação instantâneas trazidas pela tecnologia, na Educação de Jovens e Adultos, esse ainda é um gênero válido para o ensino da língua portuguesa, pois os alunos adultos não se identificam com as comunicações eletrônicas, mas demonstram grande facilidade para escrever cartas a seus entes queridos.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Introdução e tradução do russo: Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa: Tzvetan Todorov. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Coleção Biblioteca Universal.

CAVALCANTE, Mônica M.; LIMA, Silvana M. C. de (orgs.). *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013.

DIJK, Teun A. van. *Cognição, discurso e interação*. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

DIJK, Teun A. van. *Introdução à linguística textual*. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. Coleção Linguagem.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LIMA, Silvana Maria C.; FELTES, Heloisa P de Moraes. A construção de referentes no texto/discurso: um processo de múltiplas âncoras. In CAVALCANTE, Mônica M. e LIMA, Silvana M. Calixto (orgs.). *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MARCUSCHI, L. A. Referenciação e cognição: o caso da anáfora antecedente. In PRETI, Dino (org) et al. *Fala e escrita em questão*. 3ª ed., São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006, p. 192.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação (1995). In CAVALCANTE, Mônica M.; RODRIGUES, Bernardete, B.; CIULLA, Alena (orgs.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2014.

SCHWARZ-FRIESEL, Monika. Indirect anaphora in text: a cognitive account. In: *Anaphors in text: cognitive, formal and applied approaches to anaphoric reference*. Edited by Monika Schwarz-Friesel, Manfred Consten and Mareile Knees. Studies in Language Companion Series, v. 86. USA: John Benjamins B. V., 2007.

ABSTRACT

This paper aims to analyze text coherence in personal letters written by students of EJA (Young and adults Education) through the use of indirect anaphors. In order to reach our objective, which is to evaluate the referential processes of constructing discourse objects, we chose one letter, the student build the referents in order to express him self through indirect anaphors, which grants the text coherence and progression. At the end, the conclusions are that the day-by-day text genders make it easier for the students to improve their writing, because is a well-known gender and they feel more comfortable with it; also, the personal letters are a text gender that provide means to verify text coherence through the referents as the indirect anaphors.

Key words: Referential process. indirect anaphors. Coherence. Text gender. Personal letter.

Envio: Maio/2015
Aprovado para publicação: Junho/2016